

PORTUGUÊS E ESPANHOL SEMELHANÇAS APENAS APARENTES

Rita Ferraro

São a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola idênticas? São estes idiomas tão semelhantes a ponto de possibilitar que um brasileiro ou luso-falante em geral fale e escreva em espanhol, de modo satisfatório, sem nunca haver estudado este último idioma? Acontece o mesmo inversamente?

A resposta óbvia para nós, brasileiros, luso-falantes em geral, e hispano-falantes é... NÃO! No entanto, para o anglo-saxão a afirmativa ainda esbarra no desconhecimento. Que brasileiro que, indagado sobre sua nacionalidade, nunca foi abordado com a célebre frase espanhola: "¡Hola! ¿Qué tal?" Tenho ouvido de amigos e conhecidos brasileiros residentes na Austrália, que lhes são solicitadas, periodicamente, traduções do inglês ao espanhol, ou que sirvam de intérpretes ou mesmo que contactem, via telefone, países de língua hispânica. Nas seguintes linhas procurarei delinear o porquê de tamanha confusão a partir de uma síntese histórica de ambos os idiomas.



"(...) ¡Hombre, en un santiamén!
Entonces los datos y... todo suyo."



"Sujo não, é transação limpa!"

Como sabemos, o espanhol e o português têm como base ou raiz o latim vulgar. Daí encontrarmos substantivos, adjetivos, verbos e expressões idênticos ou semelhantes em ambos idiomas dos quais *crocodilo* / *cocodrilo* (lat.: 'crocodilus'), *vasilha* / *vasija* (lat.: 'vas, vasis, vaso'), *formoso* / *hermoso* (lat.: 'fermosus') *vender* (lat.: 'vendere'), *falar* / *hablar* (lat.: 'fabulari') são alguns exemplos. Entretanto os homógrafos *barro*, *carrasco* entre outros, exclusivos da península ainda unificada, e que ainda têm seu uso no português e no espanhol contemporâneos são de origem pré-romana.

Vários povos conviveram na Península Ibérica antes desta ser separada em regiões que mais tarde se denominariam Espanha e Portugal. Na Península assentaram-se os tartessos, os íberos, de provável origem norte-africana e de onde, possivelmente, provém o nome da península, os vascos, os celtas, os fenícios, os cartagineses, os bárbaros (posteriores aos romanos) vindos da Germania, atual Alemanha, entre outros povos que ainda que mantivessem sua língua de origem iam incorporando parte do linguajar local (LAPESA: 1962). As diferenças lingüísticas ou idiossincrasias foram-se definindo à feição dos povos que habitavam determinadas regiões, entre outros fatores. Até então, não se cogitava sequer da existência das línguas espanhola ou portuguesa.

Com a dominação romana o latim vulgar, falado pelos soldados romanos e plebeus, expandiu-se pela Europa. Sendo obrigatório nas escolas, atos oficiais e no serviço militar foi-se ampliando e definindo-se a unidade lingüística na península. Os romanos, em contato com os gregos, assimilaram parte de seu vocabulário e o transmitiram aos povos colonizados (gr.: *δαίμόνιον*, transcrição: daimônion, lat.: *daemonium*, port.: *demônio*, esp.: *demonio* / gr.: *ὄρφανός*, transcrição: ôrfanôs, lat.: *orphanus*, port.: *órfão*, esp.: *huérfano*) (GALVÃO: 1909). Desse modo, as falas regionais, juntamente com a língua original dos povos conquistados, mesclaram-se aos supra citados dando origem às línguas neolatinas: português, espanhol, italiano, francês, catalão e romeno entre outras línguas e dialetos.

A invasão árabe na península por volta do século VIII d.C. enriqueceu ainda mais o léxico local. Palavras como *álgebra* (árabe: *al-yabr*), *algodão* / *algodón* (árabe: *al-qutn*), *álcool* / *alcohol* (árabe: *al-kuhl*), *almofada* / *almohada* (árabe: *al-mujadda*), *alquimia* (árabe: *al-kimiya*) entre outras, sobreviveram ao tempo. (ESENCIAL: 1992). É o próprio Mattoso Câmara (1978: 42) quem confere especial atenção ao adstrato árabe na história do português afirmando que aquele, juntamente com o moçárabe, proveu a língua de Camões de "grande massa" de arabismos. Com respeito à evolução do português no Brasil salienta o lingüista:

No Brasil, temos como adstratos do português línguas como o alemão, o italiano, o sírio, o japonês, dos núcleos de imigrantes dessas nacionalidades, em várias zonas, especialmente no sul do Brasil, e no Amazonas, o nheengatu, que é um aspecto moderno do tupi, ou língua indígena da costa brasileira, tal como a usaram, para fins de catequese, os missionários jesuítas, em forma normalizada e disciplinada a que chamaram língua geral. Pode-se considerar, aliás, essa *língua geral*, ou tupi jesuítico, como um adstrato do português no período do Brasil colonial, determinando a maior parte dos tupinismos.

Com a expansão das conquistas, as demarcações territoriais e o poder econômico e político centralizando-se em mãos de alguns e espraiando-se por toda a península esta inicia, então, o seu processo de "bifurcação" administrativa. No caso da Espanha, em particular, Castilha foi a região menos romanizada e por isso, mais propensa aos câmbios suscetíveis à toda língua em formação. As adaptações encontraram terreno fértil bem como as soluções lingüísticas originais formuladas em Castilha que distinguiam o castelhano dos demais dialetos peninsulares. Além disso, Castilha como reino autônomo desempenhou papel crucial na Reconquista destacando-se e expandindo-se política, econômica e culturalmente (LAPESA: 1962. MENÉNDEZ PIDAL: 1919).

À semelhança da Reconquista na Espanha foram os combates efetuados a mando de D. Afonso Henriques contra os árabes em Portugal. D. Henriques, servindo à coroa portuguesa e à causa cristã, tinha como objetivo transformar o Reino de Leão e Castela em um estado independente. A vitória deu-se com a batalha de Ourique, em 1139. Anos mais tarde, em 1143, D. Henriques foi proclamado rei de Portugal e o Condado Portucalense tornou-se independente. O dialeto comum às regiões de Portugal e Galiza era o galaico-português. No entanto, ao ampliar Portugal seus domínios para o sul da península foi assimilando este os "romances" locais e diferenciando-se, paulatinamente, do galego. Entre os muitos câmbios estão a nasalidade mantida no galego e no português com respeito às vogais orais que antecedem "m" e "n" na mesma sílaba à diferença do espanhol peninsular que manteve orais as vogais em situação idêntica (ex.: **canção** / **canción**). O português e o galego evoluíram tornando-se línguas independentes. De fato, em *Fonética y Fonología Actual del Español* (1995) a nasalidade é descrita como fenômeno pouco frequente entre as vogais, não percebida ou captada pelo receptor normal posto que a nasalidade no espanhol não tem relevância fonológica. Observa-se, ainda, que "en una emisión normal grabada con un equipo informatizado, si escuchamos aislado el grupo que forman una vocal y la nasal que la traba, lo normal es oír un solo sonido, no una sucesión como una nasal vocalizada. Al no ser distintiva la nasalidad en español, no suele ser un rasgo tan marcado como se da en lengua en la que sí lo es." (ídem, 1995: 97). Opostamente, é o que se verifica no português através dos seguintes contrastes transcritos foneticamente em IPA:

não / **nao** (ɲˈnãʊ/, /ˈnaʊ/)
pão / **pau** (ɲˈpãʊ/, /ˈpaʊ/)
mão / **mau** (ɲˈmãʊ/, /ˈmaʊ/)

Os primeiros escritos em português misturados ao latim de que se tem conhecimento datam da fase proto-histórica (séculos IX ao XII). As primeiras manifestações literárias redigidas em português pertencem ao período arcaico (século XII ao XVI) ao que tudo indica. Surge, então em Portugal a cantiga de maldizer "Ora faz host'o senhor de Navarra", do trovador português João Soares de Paiva.

Ora faz host'o senhor de Navarra,
 pois en Proenç'est'el-Rei d'Aragón;
 non lh'han medo de pico nen de marra
 Tarraçona, pero vezinhos son;
 nen han medo de lhis poer boçón
 e riir-s'han muit'Endurra e Darra;
 mais, se Deus traj'o senhor de Monçón,
 ben mi cuid'eu que a cunca lhis varra. (...)

Entre as alterações gráficas e fonológicas na evolução do castelhano e do português medievais destacam-se as seguintes:

Latim		Castelhano		Português
<i>farina</i>	>	<i>harina</i>	>	<i>farinha</i>
<i>filiu</i>	>	<i>hijo</i>	>	<i>filho</i>
<i>fumu</i>	>	<i>humo</i>	>	<i>fumo</i>

Já no período moderno, do século XVI aos dias atuais, com o progresso lingüístico do português através de influências humanísticas e clássicas surge “Os Lusíadas” de Luís Vaz de Camões que narra as façanhas dos descobrimentos. É considerada a obra-prima da língua portuguesa.

A primeira Gramática da língua portuguesa, intitulada “Gramatica da Lingoagem Portuguesa” é escrita em 1536.

Com respeito à língua espanhola temos notícias de “El cantar del mio Cid”, de autor anônimo, como sendo o primeiro texto literário do século XII. Contudo, é por volta do século XIII que a língua espanhola adquire maior uniformidade através das obras de “Alfonso el Sabio” com a “Cantiga D’amor” encabeçando a lista (Biblioteca Virtual Cervantes).

El Cantar de Mio Cid

El Cantar del Destierro

De los sos ojos tan fuertemiente llorando,
tornava la cabeça i estávalos catando.

Vio puertas abiertas e uços sin cañados,
alcándaras vázias sin pieles e sin mantos
e sin falcones e sin adtores mudados.

Sospiró mio Çid, ca mucho avie grandes cuidados.

Fabló mio Çid bien e tan mesurado:

"grado a tí, señor padre, que estás en alto!

"Esto me an buuelto mis enemigos malos."

Em 1492 publica-se a primeira “Gramatica de la lengua castellana”, de Elio Antonio de Nebrija.

Como obra máxima da literatura moderna espanhola é conhecido universalmente “El Ingenioso Don Quijote de La Mancha”, de Miguel de Cervantes Saavedra. A obra cuja primeira publicação veio à tona em 1605, narra os feitos heróicos e imaginários do fidalgo Don Quixote na qual Cervantes nos revela, ironicamente, a sociedade de então.

Tornando às questões inicialmente postuladas podemos afirmar através das explicações fornecidas anteriormente que o português e o espanhol são, apesar de semelhantes, línguas à parte. Além disso, há diferentes consoantes na construção alfabética, milhares de falsos cognatos, uma estrutura lingüística *sui generis* em ambas as línguas que as torna simplesmente autênticas e únicas.

Parafraseando Mattoso Câmara (1971: 20), a grande dificuldade que os falantes de língua espanhola têm em compreender brasileiros ou luso-falantes reside na grande variedade de timbres vocálicos encontrados na língua portuguesa. Desse modo, torna-se mais fácil para os falantes de língua portuguesa acompanharem o espanhol falado porque se deparam com um jogo de timbres vocálicos menor e menos variável do que o seu próprio.

Para concluir o tema, gostaria de ilustrar o desfecho com uma situação observada na Espanha, onde morei durante alguns anos. Uma companhia petrolífera brasileira decidiu, por volta de 1997/98, construir navios de grande porte em determinada região espanhola devido aos baixos custos e à diligente mão-de-obra local. Confiantes na forte semelhança entre ambas línguas não se aperceberam do perigo de uma comunicação ineficiente nem dos escolhos interculturais que adviriam da falta de domínio de uma língua. O resultado foi uma avaria que custou à companhia um vultoso prejuízo.

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- D'INTRONO, F., DEL TESO, E., WESTON, R. *Fonética y Fonología del Español Actual*. Madrid: Cátedra, S.A, 1995.
- Diccionario Esencial de La Lengua Española*. Madri: Santillana, 1992.
- FARIA, I. et alii (orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1996.
- GALVÃO, R. Vocabulario Etymologico, Orthographico e Prosodico das Palavras Portuguezas derivadas da linguas grega. Rio de Janeiro: Francisco Alves (reimpresso 1994, Garnier), 1909.
- LAPESA, R Historia de la Lengua Española. Madri: Escelicer, 1962.
- MATTOSO CAMARA, J.). Problemas de lingüística descritiva. Petrópolis: Vozes. (idem) (1978) *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. *Orígenes del Español. Estado Lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*. Madri (9ª. Edição, 1980), 1919.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982,1980.

Recursos Online:

Biblioteca Virtual Cervantes (www.cervantesvirtual.com)
Centro Virtual Camões (www.instituto-camoes.pt/cvc)